



Ao escrevermos o Editorial para este novo ano de circulação de *Navegações – Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*, pretendíamos iniciar este texto de abertura compartilhando uma novidade com nossos leitores, que diz respeito à nova forma de circulação da revista, a partir de 2016. No entanto, esse assunto tornou-se secundário em face de outra notícia que, com muita tristeza, impõe-se também compartilhar: no dia 19 de abril, período em que fechávamos este volume, faleceu em Porto Alegre a Professora Sissa Jacoby que atuava como assessora-adjunta deste periódico. Docente junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, lecionou por mais de vinte anos nos cursos de graduação e pós-graduação, voltando seus interesses de pesquisa para as narrativas em primeira pessoa, campo de estudos para o qual deixou várias contribuições. Em janeiro de 2016, Sissa finalizara a organização de um volume de outro periódico, *Letras de Hoje*, da mesma Faculdade, compondo um dossiê crítico sobre um autor de sua predileção: Camilo José Cela, o Prêmio Nobel, nascido na Espanha. Cela motivou não só sua dissertação de Mestrado e sua tese de Doutorado, mas foi também decisivo para a expansão de seus estudos sobre biografia junto ao Centro de Estudos Biográficos da Universidad de Barcelona, onde Sissa realizou o pós-doutoramento sob a supervisão da Professora Doutora Anna Caballé, diretora do referido Centro. Paralelamente à sua atuação como docente, pesquisadora e orientadora, Sissa, nossa saudosa colega, era autora de livros infantis, área para a qual também muito contribuiu com sua produção e reflexões. À memória da Professora Sissa Jacoby, dedicamos este volume de *Navegações*, como expressão de nosso reconhecimento pelo trabalho desenvolvido, pelo empenho em qualificar cada vez mais a revista e pela dedicação com que se entregava a cada trabalho e atividade.

A notícia que deveria ser estampada no início deste volume diz respeito à forma de acesso à *Navegações*. A partir de janeiro de 2016, a revista passa a circular apenas em formato digital, propiciando a divulgação e difusão dos textos nela inseridos através da rede de computadores. Dispor do material impresso constitui um gosto especial para todos aqueles que integram a área de Letras. O cheiro do papel, o contato com o livro, a capa que o apresenta são elementos valorizados pelos leitores. Contudo, o curso das edições e, sobretudo, a distribuição do material impresso é cada vez mais oneroso e complexo. Assim, após oito anos ininterruptos de circulação em papel, ou seja, desde 2008, com quinze exemplares e mais de duas mil páginas impressas, *Navegações* passa para outra fase, mais consoante com as exigências da contemporaneidade, tornando-se uma revista digital, mas mantendo seu excelente conceito junto ao Qualis CAPES como um periódico A2.

A alteração da forma de circulação não compromete a estrutura da revista: as seções “Ensaios”, “Recensões” e “Entrevistas/Documentos” continuam a definir o perfil de cada número. Integram este volume dez textos na primeira seção, sendo quatro voltados a autores e obras brasileiros, quatro à produção literária portuguesa e dois a autores de África. Embora o lugar de nascimento e espaço de produção possa constituir um item de informação dos autores objetos de estudo, é interessante observar o trânsito entre autores e produção literária, como é o caso, apenas a título de exemplo, da obra de Amadeu Lopes Sabino que traz como personagem Antônio Diniz da Cruz e Silva, o juiz português a quem coube julgar os poetas mineiros inconfidentes ou as relações entre as obras contemporâneas e outras provenientes da cultura clássica,

para citar outro exemplo. Como forma de cultura, a literatura vence as barreiras geográficas e políticas e se impõe como uma força de pensamento, associando os povos e aproximando os territórios.

De outra parte, é interessante observar que os textos que abordam autores do Brasil cronologicamente oferecem um amplo espectro de gêneros: periódico, crônicas, e romances são objeto de estudo e análise. Ensejado pelo centenário de lançamento da *Revista Feminina*, que circulou nas décadas de 1910, 1920 e 1930, em São Paulo, Juliana Cristina Bonilha enfoca em “Centenário da *Revista Feminina* (1915-1936): reflexões sobre seu percurso” o papel desse periódico, dirigido às mulheres, procurando ressaltar a essência de seus textos e o lugar que ocupou na imprensa de sua época. Em “Idealismo irreverente: as crônicas de Oswald de Andrade e Nelson Rodrigues”, Tiago Leite Costa propõe analisar os textos de *Telefonema* (1944-1954), de Oswald de Andrade, cotejando-os com os de *Confissões* (1967-1974), de Nelson Rodrigues, para buscar os pontos de aproximação entre ambos os autores. As posições políticas e os momentos históricos vividos por cada um deles não marcam substancialmente uma diferença ideológica entre os dois escritores, mas os aproximam nas concepções nacionalistas e como exímios no gênero cronístico. O romance brasileiro está presente com o clássico *Capitães de areia*, de Jorge Amado, artigo escrito por Márcia Rios e Jadson Santana da Luz, intitulado “Nas páginas de *Capitães de areia*: táticas e astúcias contra a ordem estabelecida”, em uma análise que visa ressaltar os aspectos políticos, sociais e econômicos que envolvem as crianças, no Brasil dos anos de 1930. De autoria de Marilene Weinhardt, o artigo “O Brasil colônia na ficção contemporânea d’aquém e d’além-mar” associa a ficção e a história, tematizando, respectivamente, dois episódios históricos do período: a Inconfidência Mineira, em *A cidade do homem*, do português Amadeu Lopes Sabino, publicado em 2010, e a Sedição dos Alfaiates, em *O touro do rebanho*, de 2013, do brasileiro Krishnamurti Góes dos Santos, buscando examinar as coincidências na tessitura da cena histórica, nas duas narrativas.

No conjunto de ensaios publicados sobre autores de Portugal, observa-se uma diversidade nos textos aqui apresentados, que transitam entre uma perspectiva histórica e uma perspectiva estética, passando também por uma análise que privilegia o comparativismo, ao tomar o texto clássico *As bacantes* para um exercício teatral na contemporaneidade. Esse último artigo, intitulado “Chegou o ruidoso!; ecos de uma dor antiga em *Perdição*, de Hélia Correia”, de autoria de Samarkandra Pereira dos Santos Pimentel, analisa o coro das bacantes, em *Perdição*: exercício sobre Antígona, retoma o texto antigo e o coteja com um texto português contemporâneo. Da Antiguidade chega-se ao período da Inquisição, no ensaio de José Eduardo Franco e Célia Tavares, “Cristãos-novos, jesuítas e Inquisição: uma relação controversa em Portugal (séculos XVI e XVII)”, que aborda as relações controversas estabelecidas no seio da Companhia de Jesus, durante a época da Inquisição. Tanto críticas ao processo inquisitorial quanto acolhimento de cristãos novos entre os membros da Companhia de Jesus oferecem uma estranha rede de relações significativa para compreender a história dessa sociedade e do regime onde ela floresce. Gil Vicente é objeto de estudo de Luís André Napomuceno, em “Entre os soberbos e os humildes: o auto da sibila Cassandra”, em que o autor analisa duas personagens do texto como representantes de dois mundos ou de duas identidades – Cassandra e Salomão. Em “Mia Couto – a proclamação da Leoa: na linha de fogo...”, José Paulo Pereira vale-se das questões de animalidade, presentes na obra, para discutir outra relação, de profundo alcance, qual seja, a da animalidade e violência entre os gêneros masculino e feminino, e certa forma de escrita que subverte as relações de domínio entre os gêneros. Gonçalo M. Tavares, outro autor contemporâneo, é tema de “A ciência do perseguir: Gonçalo M. Tavares e os indícios de uma literatura”. A partir dos fundamentos teóricos de Carlo Ginzburg, Maria Elisa Rodrigues Moreira propõe uma poética tavariana alicerçada na contiguidade entre leitura e escrita. Por último, José Luiz G. Fornos, privilegiando

a perspectiva pós-colonial, aborda o romance de José Eduardo Agualusa, *Milagrário pessoal*.

No campo das Recensões, Maria Graciete Besse comenta *Ce que mon cœur sait de la semence / O que meu coração sabe da semente*, edição bilingue, ilustrada por Alberto Peixoto e prefaciada por Albano Martins, de sessenta e um *haikais* compostos por Bernadette Capelo. Teresa Martins Marques apresenta *Os implicados*, coletânea de artigos de vária espécie produzidos ao longo de trinta anos pelo escritor português nascido em Luanda e atual Presidente da Associação Portuguesa de Escritores, José Manuel Mendes. *O organista*, de Lidia Jorge é objeto de resenha de Maria Carlos Lino de Sena Aldeia, que ressalta o poder de criação da autora, estimulando o gosto do leitor e a crença no ser humano. Finalmente, *Dar a ver e a se ver no extremo: o poeta e a poesia de João Cabral de Melo Neto*, autor brasileiro de reconhecida circulação internacional, livro de Arnaldo Saraiva, professor da Universidade do Porto e profundo conhecedor do movimento modernista no Brasil, é apresentado por Solange Fiuza Cardoso Yokozawa.

Fechando esta edição, o professor da Universidade La Sapienza, de Roma, Ettore Finazzi-Agrò é entrevistado por Bruno Mazolini de Barros sobre aspectos historiográficos e o sentido do conceito de ilha, aplicado ao Brasil. A entrevista, realizada em Porto Alegre, no mês de outubro de 2015, quando o pesquisador esteve na PUCRS para participar do XI Seminário Internacional de História da Literatura, apresenta-se como uma reflexão sobre o processo de formação da literatura brasileira e as peculiaridades daí decorrentes.

Com esse volume de material, só nos resta desejar a todos uma excelente leitura e vida longa à *Navegações* em sua nova fase.

MARIA EUNICE MOREIRA  
VANIA PINHEIRO CHAVES  
Editoras